

CARTA DO EDITOR

É com satisfação que comunico o lançamento do primeiro número do volume 12 do **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Naturais**. Esta edição deveria ter sido publicada ainda no primeiro quadrimestre deste ano, um atraso que se justifica devido a mudanças ocorridas no corpo editorial da revista e ao fato de o periódico ter passado um período sem receber a submissão de novos manuscritos. Ambos os problemas já foram resolvidos. O desafio agora é publicar, ainda este ano, os dois números que faltam para completar este volume.

O primeiro artigo que compõe este número é da área da zoologia e trata sobre a diversidade de Membracidae da Mata Atlântica, sendo de autoria de Antônio Creão-Duarte e colaboradores. Esta família é composta por insetos pequenos, parentes da cigarrinha, que apresentam grande quantidade de espécies, estando entre os insetos mais bizarros do planeta. Isso porque eles apresentam vários tamanhos, formas e cores. Para se ter uma ideia, basta olhar as Figuras 1 e 2, nas páginas 15 e 16 desta edição. Apesar disso, este é um grupo pouco estudado no Brasil, havendo pequena quantidade de pesquisas sobre ecologia. Outro fato que merece destaque é que este trabalho foi desenvolvido em uma área de Mata Atlântica do Nordeste do Brasil, um dos biomas mais ameaçados, restando, atualmente, pequenos fragmentos dele nas regiões Sul, Sudeste e Nordeste do país. Muitos dos estudos desenvolvidos neste bioma foram feitos nos fragmentos do Sul e do Sudeste, havendo menor parcela de pesquisas no Nordeste. Por meio de quatro métodos de coleta, os autores obtiveram 1.182 espécimes, pertencentes a 27 espécies, localizadas em vários estratos da floresta, inclusive no dossel, que é um ambiente pouco amostrado.

Antes de mencionar os resultados do próximo artigo, preciso reportar que há, no Amazonas, no Parque Nacional de Anavilhanas, um local onde turistas de várias partes do mundo podem se aproximar e interagir com botos selvagens. No entanto, esta interação pode ser danosa para as pessoas e para os animais, na ausência de regras que estabeleçam o modo como as pessoas devam se comportar nesta situação. No artigo de Marcelo Vidal e colaboradores, foram apresentadas orientações quanto à estrutura mínima e à localização do empreendimento onde acontecem as interações com botos, bem como ao modo como os contatos entre visitantes e animais devem ser desenvolvidos.

O outro artigo é da área da micologia, que é a ciência que estuda fungos, sendo de autoria de Fabiano Prado e colaboradores. Eles verificaram que as substâncias produzidas por algumas espécies de fungos de um mesmo gênero podem ser utilizadas para matar bactérias. Poucas pessoas sabem da importância destes seres para a sobrevivência da humanidade, já que possuem muitas utilidades, desde o uso como fonte de alimento até a possibilidade de produção de substâncias medicinais à base deles. A penicilina, um dos antibióticos mais conhecidos no mundo todo, é produzida por um fungo.

Na área da ficologia, a área da ciência que estuda algas, Andreia Pereira e colaboradores apresentaram os resultados de um amplo inventário das espécies do gênero *Pinnularia*, coletadas ao longo dos cursos superior e médio do rio Negro, incluindo rios tributários e igarapés. Neste estudo, foram encontrados 53 táxons específicos e infraespecíficos. A palavra alga geralmente nos remete a uma planta ondulante aquática, que geralmente aparece nos documentários sobre vida marinha. Apesar disso, algumas são microscópicas, ou seja, elas não se parecem em nada com plantas, como

é o caso das espécies de *Pinnularia*. Na minha opinião, elas parecem ser de outros planetas. Se você estiver curioso quanto à aparência destas algas, basta olhar as páginas 49-74.

Na área da botânica, Carlos Franciscon e Izildinha Miranda efetuaram uma revisão biogeográfica da distribuição e do estado de conservação das espécies de plantas do gênero *Aiouea* no Brasil. As plantas desta família são conhecidas no país como brinco-de-princesa, canela-sêbo, canela-anhoíba, canela-do-piauí, canela-do-rio-grande, canela-vermelha, louro-de-goiás, louro rosa, sassafrás, uridol, urinosa, vergateza, entre outros nomes. Catorze espécies deste gênero são registradas para o Brasil, sendo que nove são endêmicas, ou seja, só ocorrem neste local.

Saindo da área das ciências biológicas e indo para a área da geologia, temos o artigo de Lena Souza e Franklin Williams Silva de Carvalho, intitulado "Contextualização geológica da porção sudoeste do Sistema Aquífero Boa Vista, estado de Roraima, Brasil, a partir de sondagens elétricas verticais rasas". Neste estudo, foram distinguidas e caracterizadas as zonas do Sistema Aquífero Boa Vista, em Boa Vista (RR), que possuem potencial aquífero. Considerando que a falta de água é um problema enfrentado por muitos países e que, se não houver mudanças no nosso estilo de vida, assolará boa parte da humanidade, estudos sobre a caracterização dos sistemas aquíferos do Brasil são de grande utilidade para o conhecimento de nossas fontes de água.

Ainda na área da geologia, Cristina Bastos e colaboradores apresentaram o histórico da formação e a trajetória da coleção de minerais da antiga Escola Nacional de Engenharia (ENE), que está parcialmente sediada no Museu da Geodiversidade, no Instituto de Geociências, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Esta coleção possui um dos maiores acervos de fósseis do Brasil, com cerca de 20 mil itens. Ela também é constituída por coleções de minerais, rochas, fotografias, mapas, documentos, objetos histórico-científicos e livros raros.

Ainda na área das ciências da terra, a presente edição traz um artigo sobre paleontologia, mais especificamente sobre micropaleontologia, isto é, a ciência que estuda os microfósseis. No entanto, Sandro Monticelli Petró propõe, em seu intrigante artigo, após estudo semântico cuidadoso, que este termo não é adequado, apontando, nesta contribuição, que o termo correto deveria ser "paleomicrontologia".

Este número do Boletim também é composto pela nota científica de Sandro Gonçalves Moreira, que relata a predação da rola-fogo-apagou pela seriema, em Minas Gerais. Ela é uma ave pernalta que habita áreas abertas naturais ou antropizadas. Desta forma, ela não é encontrada nas áreas florestadas da Amazônia. Apesar de ser um predador generalista, há poucos registros sobre as presas desta espécie.

Esta edição é composta, desta forma, por artigos de várias áreas do conhecimento, indo de algas microscópicas até o estudo sobre a morfologia de uma palavra. Por isso, tivemos a ajuda de vários pesquisadores de diversas partes do Brasil, que atuaram como avaliadores destes manuscritos. Sou muito grato a eles pela valiosa ajuda. Gostaria de agradecer também ao Dr. William Overall, pelo grande auxílio com a revisão dos textos em inglês, e a Rafaela Lima e a Talita do Vale, pelo exímio trabalho de editoração dos artigos em um tempo relativamente curto.

Fernando da Silva Carvalho Filho
Editor Científico